

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETARIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 21 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO IV — N.º 178 — Domingo, 4 de Novembro de 1956

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

BONS IMPRESSOS
E CARIMBOS

NA —

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Telefone 59 Apartado 3

AVENÇA

O CENTRO DE ESTUDOS POLÍTICO-SOCIAIS

Pelo DR. COELHO DO VALLE

NA abertura do novo ano de actividades do Centro de Estudos Político-Sociais da União Nacional, foi pronunciado um notável discurso pelo senhor professor Marcelo Caetano, o qual merece, justamente, a mais atenta reflexão, o mais lúcido juízo crítico, tal a importância das afirmações do referido estadista.

Assim, uma frase que deve ser cuidadosamente glosada é a de que a sociedade moderna não pode prescindir da organização que o corporativismo proporciona nem do espírito de paz e justiça social que ele preconiza; que, se os egoísmos não compreenderem, é preciso obrigá-los a entender que no Mundo de hoje e no campo social o egoísmo é o suicídio; e que ninguém pode viver só por si, ninguém pode pensar só

em si, ninguém pode prosperar sózinho nem vencer sózinho; e que há que combater o egoísmo dos indivíduos e das classes, e fazer a todos servir o bem comum.

De facto, nestes tempos que vão correndo e em que a associação e a organização dos esforços são indis-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

CRÓNICAS DO TEMPO MORTO

Por N. RODRIGUES PENA

MOJE, minha amiga, resolvi permanecer todo o dia em casa, e como não posso quintal, nem flores para cuidar, entretive-me a folhear uns velhos álbuns de fotografias, que para ali adormeciam, esquecidos. Passei assim toda a tarde, envolvido numa doce penumbra do quarto,

CARTA DE LONGE CONSIDERAÇÕES A PROPÓSITO

Por J. DE CARVALHO E RÊGO

A DISTÂNCIA a que a maioria dos portugueses metropolitanos vive das nossas províncias ultramarinas leva-os a confusões etnográficas de tal ordem que lhes não permitem distinguir entre os povos da África, da Ásia ou da Oceania. Mas, ainda que a legislação vigente nos faça ver que nenhuma dife-

rença existe entre estes povos, ela é flagrante quanto a raças, costumes, religiões, civilização atingida, ou mesmo própria.

José dos Santos Marques, illustre cronista do jornal «Notícias do Algarve», achou espantosa a afirmação que fizemos, numa das nossas «Cartas de Longe», publicadas no referido jornal, de que em Macau não há analfabetos, por essa afirmação colocar desde já os indígenas num grau de superioridade perante os metropolitanos, que, infelizmente, andam neste aspecto e provavelmente noutros que desconhece, muito mais atrasados, esperando que daqui o elucidemos, mais pormenorizadamente, de todas as afirmações que fizemos, o que vamos tentar fazer, sem pretensões, em abono da verdade.

Falando apenas de Macau, pois que de outras províncias ultramarinas poderíamos também falar, com conhecimento, começamos por dizer que a palavra indígena, no sentido deturpado em que ela é usada, não é aplicável nesta parcela do Império lusitano. E

(CONTINUA NA 3.ª PAGINA)



ARTISTAS ALGARVIOS

«A menina do laço»

Do pintor Samora Barros

A VIDA DA INDONÉSIA VISTA POR UM JORNALISTA PORTUGUÊS

REFLEXOS DA VISITA DO PRESIDENTE SUKARNO AO ESTRANGEIRO

Por ROLLIN DE MACEDO

COMEMOROU-SE, há pouco, o undécimo aniversário da independência da República da Indonésia, data que constitui para o seu povo um dos mais memoráveis momentos, marcando um passo decisivo sobre o caminho que ele tinha de trilhar no futuro. Foi o fim do colonialismo de três séculos, na Indonésia, foi o aparecimento da expressão clara da decidida atitude de todos os patriotas indonésios em defen-

der, a todo o custo, a recém-proclamada liberdade.

Desde então, a Indonésia tem vindo a desenvolver uma política externa activa e independente, o que significa que a política indonésia é a de amizade com todos os países. Ou melhor: tal política não é meramente uma política, mas sim resultado de uma característica inerente ao povo indonésio.

Dentro desse plano, o presidente Sukarno fez recentemente uma viagem aos Estados Unidos da América, ao Canadá, à Itália, à Alemanha Ocidental e à Suíça, no firme propósito de criar um mundo melhor, um mundo em que homens e as mulheres de todas as nações possam viver em paz como bons vizinhos, e poupar às gerações vindouras o flagelo da guerra.

A ideia da viagem pelo estrangeiro partiu do convite que o se-

cretário do Estado americano foi portador, da parte do presidente Eisenhower, no decurso da visita daquele à Indonésia. Seguiram-se, então, os convites do Canadá e dos países europeus atrás mencionados.

Evidentemente que a visita mais importante foi a dos Estados Unidos, que durou três semanas, sen-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

Contos Gota

Por MARIA MANUELA NUNES

Os poetas e a noite

Os poetas da escola antiga tinham suas palavras feitas, suas imagens garantidas: a bem amada era simples como a violeta ou ardente como a rosa. Abrolhos destinava-se a rimar com olhos. Singela aparecia com frequência, pois dava rima fácil.

Os poetas de hoje, que cantam a vida e não a morte, a alegria e não a tristeza, o futuro e não a saudade, também armaram tendas fixas. Uma delas é em nome do sol, do dia, atacar a noite. Claro que não o dia nem a noite, propriamente. Mas certa analogia deles com determinados momentos históricos.

Claro está que a analogia é aparente. Superficial. O que está certo é como diz esse oceano de poesia que se chama Pablo Neruda:

Noite
noite amada
noite de todo o mundo
dentro de ti
algo existe, redondo
como um menino
que vai nascer, como uma
semente
que renasce,
é o milagre,
é o dia,

Singel nicht in Trauerlönen

A noite passada, antes de amanhecer, antes do «milagre», acordel. Os olhos recusavam-se a cerrar as portas. Voavam,

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)



Praça Marquês de Pombal

O CORTEJO DE OFERENDAS A FAVOR DO

HOSPITAL DA NOSSA TERRA

ENOS particularmente grato registar a simpatia e aberto espírito de generosidade com que a população de todo o concelho recebeu a iniciativa, em franco progresso, do Cortejo de Oferendas a favor da Misericórdia da nossa terra. O movimento de solidariedade que este simpático empreendimento suscitou permite-nos, sem exageros de optimismo, augurar-lhe os mais prometedores resultados. De resto, é de prever que todos, mas todos, sem excepções, na plena compreensão do

alto objectivo que se pretende atingir, queiram prestar o seu concurso moral e material para que tão meritória iniciativa obtenha o êxito que merece, dando a cada um a satisfação íntima de ter contribuído para que o nosso Hospital possa continuar—e, se possível, ampliar—a notável obra de assistência que há tantos anos, com pesadíssimos sacrifícios, tem vindo a desempenhar.

Como elemento elucidativo do que tem sido essa assistência, achamos oportuno dar, em síntese, uma nota do movimento do Hospital durante o ano de 1955:

Tratamentos, injeções e consultas	11.689
Pequenas intervenções cirúrgicas	267
Internamentos	563
Operações	67
Total de doentes tratados	12.586

Cremos que estes números revelam, com expressiva eloquência, o que tem si-

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

NUVENS DE OUTUBRO

(INÉDITO)

I

Meu bom Outono! Tardes comovidas
De homem cansado que chegou de fora:
Tem barbas brancas e a tristeza aflora
Nas faces cavas e nas mãos caídas.

As contas que ele traz estão puídas
De tanto renascer a toda a hora:
Cada oração que reza é uma aurora
Que o vento leva em noites desabridas.

E eu fico-me a pensar, mesmo de longe,
De olhos turvados como um velho monge
Que vê cair as folhas pequeninas...

Mas quem pudera ser como é o Outono,
Acordar e viver após o sono,
Enchendo o Mundo de canções divinas!

II

Espera um pouco, meu amigo Outubro,
Não tenhas pressa nem impaciência!
A vida de vertigem é demência
Ou loucura, que vai até ao rubro.

Perante a Natureza eu me descubro
E faço a minha calma penitência,
Com a amizade e a fúlgida cadência
De um moribundo cão que, às vezes, cubro.

Os tristes animais abandonados,
De fomes e doenças macerados
Também precisam dum olhar amigo.

Instintos fraternais vivem em nós,
Heranças que deixaram os avós,
Como um eterno e doce grão de trigo!

MARCOS ALGARVE

ABASTECIMENTO DE ÁGUA A FARO

O sr. ministro das Obras Públicas concedeu, pelo Fundo de Desemprego, à Câmara Municipal da cidade de Faro, um reforço de comparticipação da importância de Esc. 84.860\$00, destinado à 1.ª e 2.ª fases da obra de ampliação do abastecimento de água.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Com pouca demora, esteve em Lisboa o nosso estimado amigo e assinante sr. José de Brito.

Acompanhado de sua esposa e enteado regressou de Lisboa onde esteve de visita a sua família, o nosso prezado amigo e assinante sr. José dos Santos, arrendatário da Pensão Mateus, nesta vila.

Passou as suas férias nesta vila, tendo já retirado para Lisboa, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado amigo e assinante sr. Manuel Francisco Aleixo.

Seguiu para Lisboa, tendo vindo à nossa Redacção apresentar-nos as suas despedidas, a sr.ª D. Maria Carolina de Brito Neves.

Esteve nesta vila, de visita a sua família, tendo já retirado para Lisboa, onde reside, o nosso prezado assinante, sr. Natércio dos Reis Faustino.

Retirou para Lisboa, depois de ter passado as suas férias nesta vila, o sr. Eduardo Baptista Antunes, acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Angélica Simões Aguilera Antunes, que seguem, por via aérea, para a Índia Portuguesa.

Encontra-se em Lisboa, a fazer um estágio de aperfeiçoamento nas últimas criações de penteados, o nosso prezado assinante e conterrâneo sr. Eteberto Viegas Palma.

Regressou de Lisboa a sr.ª D. Maria das Dores Gutierrez Medeiros, acompanhada de sua filha sr.ª D. Maria das Dores Medeiros Neto Nobre.

Depois de ter terminado brilhantemente o curso de Assistente Social partiu para Louvain (Bélgica) onde, como bolsista do Instituto de Alta Cultura vai tirar o curso de Sociologia, a sr.ª D. Maria Susana César Gaspar de Almeida, sobrinha da sr.ª D. Conceição César Socorro, e da nossa assinante residente em Lisboa, sr.ª D. Amélia Piloto César.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa Redacção o nosso prezado assinante sr. Manuel Francisco de Assunção, residente em Almada de Ouro.

Casamentos

Na igreja paroquial desta vila, celebrou-se no dia 29 do passado mês de Outubro, o casamento da sr.ª D. Maria da Assunção Palermo Correia Dourado, filha da sr.ª D. Maria da Assunção Palermo Correia e do sr. Felizardo Correia Dourado, já falecido, com o sr. José Ferreira do Desterro, filho da sr.ª D. Joaquina Ferreira do Desterro e do sr. José do Desterro.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, a sr.ª D. Maria Domingas Rico e o sr. António da Silva Martins, e por parte do noivo, a sr.ª D. Inácia Cassiano Gonçalves e o sr. José Dionísio.

Os noivos, fixaram residência em Leiria.

No passado dia 28 do mês de Outubro, findo, celebrou-se igualmente na Igreja paroquial desta vila, o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria da Conceição Flores, filha da sr.ª D. Maria Isabel Flores e do sr. Mário Flores, com o sr. António Bernardino Palermo Correia Dourado, filho do sr. Felizardo Correia Dourado, já falecido, e da sr.ª D. Maria da Assunção Palermo Correia.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, a sr.ª D. Amabilina Rodrigues Machado e o sr. Eteberto Viegas Palma, e por parte do noivo, a sr.ª D. Rita Rico Mendes e o sr. Leovigildo da Cruz Mendes.

Aos noivos, apresenta o «Notícias do Algarve», sinceros votos de felicidades.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Acabamos de receber o n.º 20 da Colecção Agrária, este útil guia para quem se dedica à Criação de Galinhas, Patos e Perus, pois nele se encontrarão todos os elementos necessários ao avicultor, como: Raças e suas características — Cabaças — Alimentação — Incubação — Chocadeiras — Criação de pintos — Doenças e tratamentos — Calendário do avicultor.

Se lhe interessa este guia, queira remeter à Biblioteca Agrícola — Rua de S. Bento, 279 B-1.º — Lisboa, a importância de 3\$50, em selos de correio.

Assinala e propaga «Notícias do Algarve»

PELA VILA CONTA GOTAS

Obras no Hotel Guadiana

No fim do passado mês, iniciaram-se importantes obras de conservação e beneficiação no interior do Hotel Guadiana, desta vila.

Ao que nos consta, a importância que o respectivo proprietário ali vai dispendir ascende a mais de 1.300 contos. Todos os quartos passarão a dispor de casa de banho privativa, com água corrente, quente e fria, e outros consideráveis melhoramentos, que farão deste hotel novamente um dos melhores estabelecimentos, no género, do nosso país, em todos os requisitos de conforto e apresentação.

Enquanto as obras durarem, o Hotel Guadiana somente mantém serviços de dormidas e de bar.

O combate ao mosquito

EM virtude da inusitada invasão de moscas que assolou esta região no presente Outono, têm estado a ser tomadas energéticas providências para combater esta «praga», já exterminando os repelentes dípteros, directamente, já impedindo a sua proliferação, atacando as respectivas posturas e larvas, nos locais propícios. Para este efeito, os serviços municipais de sanidade, com a colaboração dos bombeiros, procederam, nestes últimos dias, sob a orientação dum técnico de reputada competência, à aplicação de insecticidas em vários locais do nosso concelho, nomeadamente, nitreiras, vazadouros, pauis, árvores dos locais públicos, etc.

Como resultado deste útil trabalho, imediatamente se notou o decréscimo do mosquito que infestava a vila e arredores, o qual é de esperar que desapareça de todo com a actual baixa da temperatura. Este benefício será, todavia, de efeitos precários se porventura os habitantes da nossa terra não cooperarem, por seu lado, nestas medidas de profilaxia, dum forma activa, e conscientes da sua utilidade prática. Para tanto, torna-se necessário que todos evitem deixar os lixos descobertos, nos recipientes ou ao ar livre, lançar cascas de frutos para o chão e dejectos para montureiras improvisadas, etc.—tudo isto, afinal, cuidados de higiene elementar e de simples educação, que todos devemos caprichar em cumprir.

Impõe-se, portanto, a nossa colaboração nesta campanha de saneamento do nosso concelho, dado que as providências camarárias resultarão improficuas, se não as secundarmos dentro das nossas habitações, quintais, hortas, etc. Devemos convencer-nos de que é a nossa saúde que está em jogo ao combatermos impiedosamente as moscas, mosquitos, pulgas e outros insectos nocivos, porque ninguém ignora que são estes os principais transmissores e propagadores das mais terríveis doenças, — v. g.: o tifo, cólera, disenterias, sezoniismo, peste, etc. — podendo até causar epidemias.

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribua para o desenvolvimento da imprensa Algarvia!

BAILE

Hoje, dia 4 de Novembro, realiza-se no Salão de Festas da Glória Futebol Clube, uma soirée que promete ser bastante animada pois tem a colaboração do conhecido conjunto vilarrealense TÁ-MAR.

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

tresvoavam no escuro, iam de longada até nem eles sabem onde. Tanto andaram que, despretendidos, debicaram num fruto posto em altíssima prateleira: Singet nicht in Trauertönen von der Einsamkeit der Nacht...

Goethe. Goethe, que decorete antigamente. Mas, por mais que espichasse o fiozinho de memória, nada conseguia. O disco partira-se no fim do segundo verso, os meus olhos giravam de um ponto a outro, como um pêndulo incerto. Fico impaciente, em se tratando de poesia. Se me lembro de um poeta ou de um poema, hei-de logo procurá-lo, parece-me que luto com o tempo, que o tempo busca demorar-me para me roubar.

Levante-me a procurar o livro onde vinha o poema de Goethe. E bastou ler o terceiro verso para que a memória se levantasse como uma fogueira:

Não cantels lügubrememente a solidão da noite, Não, não cantels, que ela é feita para nosso encantamento! Por isso, meu coração recorda-a com alegria. Há um tormento em cada dia e em cada noite um prazer.

Meus olhos negam-se a fechar as portas. A noite é um mar sem limites. O passado, o futuro... Mergulho e torno à superfície, com as mãos cheias de pérolas e de conchas a que se prendem pequenos grumos de carne memoriada.

Pequenos grumos

Se o teu caminho é recto e justo, será também difícil—mas belo. Nada temas.

Não digas que tuas mãos são frágeis. Se levantam bem alto uma luzinha na escuridão, oh!, não digas que as tuas mãos são frágeis!

Aqueles a quem a mentira serve servem a mentira.

Se dez mil pessoas, um milhão de pessoas, disserem que teus olhos são verdes, sabendo tu embora que são escuros, não te aflijas, pois a natureza é indomável à vontade dos caluniadores.

Quando ouvires dizer a uma pessoa que «todos os animais são carnívoros», nada mais poderás concluir senão que essa pessoa é carnívora.

O imenso dinheiro que se gasta para se convencer os desvalidos que de o dinheiro não dá a felicidade! E' comovedor.

Há flores belas, mas as mais belas são a bondade, a coragem e a esperança. Mais do que nunca, a vida enfeitada hoje com elas os seus cabelos.

Retrafo

Alto e magro. E triste. Ou não triste, sério apenas. Por cima, não lhe restou um só cabelo. Os outros, apertando-lhe como uma aduela a cabeça deformada, estão quase todos brancos.

Não casou, não tem família. Bom, pelo menos não fala dela. De quando em quando, refere-se à sua casa, em S. Miguel. E' açorian. Refere-se vagamente e retira logo, como se tocasse num ferro em brasa. Não lhe conheço nenhum affecto, nenhum interesse pela vida. Diz-me-me que no quarto da pensão onde mora guarda um cágado. Isto foi-me dito embrulhado num sorriso de troça. Fiquei sem perceber se era verdade a história do cágado.

A conversa dele é uma deplorável mania de retalhos. Fica a meio do caminho inventando uma palavra. Encontra-a, e repete-a várias vezes. Não encontra, e esfrega, com a mão trémula, a testa encorçada.

Há dias, falava-se de paixões. A paixão de coleccionar estampilhas, a paixão do fogo, a paixão da leitura...

—A minha é que vocês não descobrem—disse, com um sorriso melado.

Os outros continuaram a desfiar, impudicamente, as manias próprias. Só eu fiquei muito séria, firme. Ele notou e começou a falar só para mim.

—Tenho a mania das locomotivas. Não supõe! É a minha paixão, desde garoto. Chegava a fugir de casa para ver as locomotivas na estação, para lhes tocar. Duas vezes ia ficando esmagado por elas. Os meus cadernos da escola estavam todos riscados de locomotivas. Não havia nada como ser fogueiro ou maquinista...

—Mas porque não foi?... —Compreende... o pai tinha aquela... aquela... bem, aquela paixão, paixão, exactamen-

PROVINCIA

TAVIRA

Procissão de Nossa Senhora de Fátima

Na passada quarta-feira, 31 de Outubro (véspera de Todos-os-Santos), realizou-se nesta cidade a procissão das velas em honra de Nossa Senhora de Fátima. Ao recolher, houve sermão e bênção do Santíssimo.

Iluminação

Outrora, Tavira tinha fama de ser a cidade mais bem iluminada do Algarve. Presentemente, assim não é porque se mantém ainda, em muitas ruas principais, candelieiros para 100 vátios com lâmpadas de 25 vátios, e independente disso, alguns desses mesmos candelieiros passam noites e noites sem luz. A Câmara, com boa vontade, tem procurado ir actualizando a iluminação na cidade, colocando novos candelieiros e novas lâmpadas de mercúrio. Falta, porém, continuar a manter acesos nas ruas principais os candelieiros que para isso ali foram colocados. Vemos constantemente, nalgumas ruas, lâmpadas apagadas e ainda há dias verificámos que na rua principal da cidade se encontrava apagado um candelieiro que dá bem nas vistas, o qual se manteve 5 noites sem dar acordo de luz.

Teatro Desmontável

Temos acompanhado o êxito que a Companhia do «Teatro Desmontável», de que é empresário o actor Rafael de Oliveira, tem feito através do País. Vai agora estreiar em Coimbra, depois de assinalado êxito na Figura da Foz. Temos saudades deste grupo de artistas, pois a bastantes noites de bom teatro nos fez assistir. Raramente vêm ao Algarve companhias de Teatro, pelo que estamos privados de assistir a este divertimento, que instrui. De quem será a culpa? — e.

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

No dia catorze de Novembro de mil novecentos e cinquenta e seis, pelas onze horas, no Tribunal Judicial desta Comarca, na execução fiscal que corre pela Secretaria do mesmo Tribunal contra José Inácio da Silva Bento, proprietário, residente no sítio das Hortas, desta Comarca, será posto em praça pela primeira vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor adiante indicado, o seguinte prédio apreendido a quele executado:

PRÉDIO

Prédio urbano situado no sítio das Hortas, desta Comarca, que se compõe de cinco compartimentos para habitação, quatro para padaria e quintal. Vai a praça no valor de nove mil quinhentos e quatro escudos.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos para deduzirem os seus direitos na execução. Fica a cargo do arrematante o pagamento por inteiro da respectiva sisa.

Vila Real de Santo António, 31 de Outubro de 1956.

O Chefe da Secção,
(a) António Figueira da Cruz
Verifiquei:
O Juiz de Direito,
(a) Francisco Nunes Correia

te, estamos a falar nessas coisas, tinha a paixão das doutoricas, apanhei tanta sova que desisti.

—Fez mal.
—Pois fiz. Devia ter aguentado—e seguido o sonho. Sempre à espera de que o pai morresse, para não lhe dar o desgosto. Quando ele morreu, era tarde. Os sonhos têm uma época própria para dar flor...

Leva o cigarro à boca e sorve, airosamente. Depois, atira o fumo para o tecto, de uma vez só, como uma locomotiva que não tem mais caminho para andar.

Maria Manuela Nunes

ODELEITE

Cemitério Paroquial

Foi com bastante agrado que, de fonte bem informada, soubemos que se encontra em vias de ser efectuada a ampliação do cemitério desta aldeia. Deduzimos da mesma informação, que o técnico privativo da Câmara Municipal deste concelho já recebeu ordem no sentido de proceder às formas preliminares. Bem haja quem teve tal iniciativa, para que acabe de vez o marasma irritante, que sérios inconvenientes trazia a esta localidade.

Falecimento

No dia 29 do corrente, foi encontrado morto, no casebre onde vivia, o sr. Luís Rodrigues, de 73 anos de idade, solteiro, antigo soldado da G. N. R., natural e residente em Alcaria.

Era irmão dos srs. Hilário Rodrigues, António Rodrigues e Manuel Rodrigues. O seu funeral realizou-se no dia seguinte.

A família enlutada, os nossos pésames.

Doente

E' bastante grave o estado da sr.ª D. Ana Maria Alberto, também de Alcaria e inspira sérios cuidados, apesar de ter assistência médica.

É bom fazer lembrar que...

Existe nesta aldeia um inofensivo homenzinho a quem durante as libações enfraquece o cérebro, de tal forma que ocasiona coisas inverossímeis. E' nessas ocasiões que, «meninos de bigode», põem em prática toda a sua espezteza «saloia», — tão vulgar nos clubes regionais da má língua. Daí resulta que o pobre homem, na sua insensatez, não escolhe seja quem for.

Que alguns brinquem, está certo; mas tendo sempre em vista os elementos principais de boa civilidade. — e.

Quem Perdeu?

No posto da P.S.P., desta vila, encontram-se depositados e serão entregues a quem provar pertencer-lhes os seguintes objectos:

Uns óculos graduados e um par de meias para senhora.

UM APELO

da Cruz Vermelha Portuguesa

para socorrer as populações vítimas dos acontecimentos da Hungria

Pede a todos os portugueses que a ajudem no auxílio solicitado pela Cruz Vermelha Húngara para ocorrer às necessidades provocadas pelas actuais vicissitudes por que está passando a população da Hungria.

Os donativos podem ser entregues na delegação da Cruz Vermelha Portuguesa em Faro-(Edifício Letes), aceitando-se a oferta de medicamentos, em especial antibióticos, agasalhos, roupa de qualquer espécie, alimentos em conserva (carne peixe ou frutas), enfim, tudo o que possa atenuar o sofrimento das infelizes populações, e que será bem recebido e agradecido, a bem da Cruz Vermelha Húngara.

ILUMINAÇÃO

A lâmpada alemã MERKUR, é a que dá luz mais clara, mais suave, menor consumo, e... não é mais cara.

A VENDA NA

Agência Comercial e Marítima do Sul

Avenida da República, 65
— Telefone 76 —
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Seja económico

Poupe muito dinheiro

PREFIRA A

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS

As oficinas gráficas que se impõem pela perfeição e esmero dos seus serviços, e equipadas com as mais modernas máquinas automáticas da Indústria Gráfica.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO
Telefone 59 Apartado 3

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

AGENDA

MOVIMENTO DA BOTA

de Vila Real de Santo António

De 27 de Outubro a 2 de Novembro:

TRAINEIRAS

Brisa	75.820\$00
Flor do Guadiana	45.410\$00
Flor do Sul	34.975\$00
Audaz	23.180\$00
Tozé	21.410\$00
Infante	20.276\$00
Liberta	19.680\$00
Maria Rosa	19.345\$00
Conceicanita	11.290\$00
Janita	9.790\$00
Sol	3.620\$00
Alvarito	3.220\$00
Lua Nova	1.220\$00
Total	289.236\$00

CERCO

Amazona 10.420\$00

Movimento de Navios no Porto

de Vila Real de Santo António

De 27 de Outubro a 2 de Novembro:

Entrados:

ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.
RUHRORT, Alemão, de 1.805 ton., de Antuérpia, com folha de fiandres.
COSTEIRO, Português, de 630 ton., de Lisboa, com adubo.
CALIFA, Marroquino, de 1.169 ton., de Leixões, com carga em trânsito.

Saídos:

RUHRORT, Alemão, para Hamburgo e Roterdão, com conservas e amêndoa.
ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com minério e enxofre.
CALIFA, Marroquino, para Livorno e Génova, com óleo saponificável e conservas.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 3 a 9 de Novembro, a Farmácia CARMO, Rua S. João do Brito - Telefone 31.

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

No dia 8 de Novembro de 1956, por 11 horas, no Tribunal desta comarca, na Execução Fiscal que corre na Secretaria do mesmo Tribunal contra Alberto António da Silva, proprietário, residente em Alcaria, freguesia de Odeleite, desta comarca, serão postos em praça pela 2.ª vez, para serem arrematados ao maior lance oferecido acima de metade do seu valor indicado, os seguintes prédios apreendidos a quele executado:

1.º) — O direito a uma terço de uma terça parte numa courela de terra de várzea, com oliveiras, no sítio das Coroas, freguesia de Odeleite, desta comarca, inscrito na respectiva matriz sob o art.º n.º 6.038. Vai a 2.ª praça por metade do seu valor ou seja por esc. 3.253\$50.

2.º) — O direito a três quintos numa várzea que consta de terras de semear no sítio da Várzea do Cascalho ou Guarda do Cascalho, freguesia de Odeleite, desta comarca, inscrito na respectiva matriz sob o art.º 297 e 298. Vai a 2.ª praça por metade do seu valor ou seja por esc. 1.020\$60.

3.º) — O direito a uma quinta parte numa courela de terra de semear com chaparheiros, no sítio das Lombadas, freguesia de Odeleite, desta comarca, inscrito na respectiva matriz sob o art.º 8.028. Vai a 2.ª praça por metade do seu valor ou seja por esc. 4.338\$00.

Fica a cargo dos arrematantes o pagamento da respectiva visa.

Vila Real de Santo António, 2 de Novembro de 1956.

O Chefe da Secção,

a) António Figueiras da Cruz
Verifiquei:
O Juiz de Direito,
a) Francisco Nunes Correia

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

CONSIDERAÇÕES A PROPÓSITO

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

rá contá-las, sendo aos milhares os alunos que as frequentam. Há escolas gratuitas e bibliotecas mantidas por associações e por chineses ricos; vários colégios, escolas nocturnas, clubes recreativos e desportivos, com os seus respectivos campos de todos os jogos, etc., etc.

Nada falta, pois, a concorrer para o desenvolvimento cultural e físico da mocidade chinesa, que procura, por todas as formas, instruir-se e vencer na vida.

Os onze cinemas existentes em Macau — cinco de primeira classe e seis ao alcance de todas as bolsas, onde se exibem filmes desde os mais reclamados, são outras fontes de ensinamento que várias companhias chinesas mantêm nesta cidade.

E, para finalizar, quanto à população chinesa, não podemos deixar de referir o velho costume do aluguer de livros, em distribuição aos domicílios, destinados às classes que não podem comprá-los nem têm ocasião de frequentar as bibliotecas, sendo vulgaríssimo encontrar operários e condutores de carros a ler os seus jornais — alguns diários que aqui se publicam — nos intervalos do seu serviço.

Despedida

Angélica Simões Aguilera Antunes e seu marido, Eduardo Baptista Antunes, partindo em 4 do corrente do aeroporto de Lisboa para a Índia Portuguesa, e na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, vêm por este meio testemunhar o seu grande apreço e reconhecimento por todas as provas de estima e consideração de que foram alvo durante a sua estadia em Vila Real de Santo António, agradecendo ainda a todos os que, de maneira tão cativante, lhes apresentaram os seus melhores desejos de felicidades, à sua partida.

E assim, em traços largos, parece-nos ter elucidado Santos Marques acerca da vida chinesa de Macau, da qual muito mais poderíamos dizer, se não se tratasse de uma «Carta de Longe», a publicar no «Notícias do Algarve».

Falando agora da população portuguesa de Macau, ou seja dos habitantes nacionais — metropolitanos, naturais de outras províncias ultramarinas e macaenses — começaremos por esclarecer que todos os portugueses que aqui habitam — excluindo médicos, advogados, engenheiros, farmacêuticos, alguns comerciantes e empregados de companhias industriais e comerciais, que não trabalham para o Estado — são funcionários públicos civis e militares, em activo serviço ou aposentados, com suas respectivas famílias.

Sendo o nível de vida, em Macau, superior ao da maioria das cidades portuguesas, mercê de várias condições históricas, sociais, e até geográficas, que colocam a cidade do Santo Nome de Deus em situação de destaque no Extremo Oriente, impõe-se, ainda que a muito custo, não sentir que o contraste entre esta nossa província ultramarina e a opulenta e progressiva colónia inglesa de Hong-Kong se evidencie por forma desairosa para o prestígio de Portugal, nestas longínquas paragens. E ainda que a província atravesse uma crise económica e financeira que lhe não permite actualizar os vencimentos dos funcionários públicos consoante a carestia de vida, a população portuguesa mantém-se, com sacrifício, dentro das suas velhas tradições.

Nos tempos em que Macau foi uma das cidades mais opulentas do Oriente, vivia-se aqui com tal grandeza que os escritores da época, nacionais e estrangeiros, lhe renderam homenagem nos seus escritos.

A população chinesa de Macau — os macaenses — tem quatro séculos de existência: porque durante quatrocentos anos os portugueses para aqui se têm encaminhado, fixando-se e constituindo as suas famílias.

Quanto a cruzamentos, como é natural, eles se verificam a cada passo; sendo com chinesas os de melhor resultado, atendendo à delicadeza da raça. No entanto, há famílias que mantêm o tipo europeu, como se fossem naturais de qualquer terra de Portugal.

Como não podia deixar de ser, todos os macaenses são educados, melhor ou pior, e preparados para a vida, consoante às suas faculdades de inteligência e de trabalho, para o que não lhes faltam ambiente, colégios, escolas, bibliotecas e todas as facilidades para poderem conquistar as melhores situações. E assim, não só em Macau, onde nas profissões liberais se encontram em maioria, ocupando muitos lugares de destaque nos estabelecimentos de ensino e nas repartições públicas, cabendo-lhes também a maioria nos diversos cargos públicos da província, muitos se encontram na Metrópole e nas outras províncias ultramarinas em situações de primeira categoria.

Sem distinções, todos frequentam os mesmos colégios, as mesmas escolas, sendo em grande maioria os macaenses que, além do português, aprendem inglês, para se poderem empregar no estrangeiro, falando todos, mais ou menos, o chinês. Há, pois, entre os portugueses nascidos em Macau, uma grande maioria que fala português, inglês e chinês, não havendo um, sequer, que seja analfabeto, como dissemos e repetimos.

Representam ainda os macaenses

(CONCLUSÃO DA 4.ª PAGINA)

ACÇÕES

De A ELECTRO FABRIL
COMPRA:
Manuel dos Santos
APARTADO 13
FARO



DESPORTO

BASQUETEBOLE

CAMPEONATO DISTRIAL

Lusitano, 37

«Os Bonjoanenses», 51

Jogo no Parque de Instrução dos Bombeiros Voluntários.

Árbitro: Romeu.
Lusitano: Gavino, Salas, Andrade, Ângelo, Branco e Jara.

«Os Bonjoanenses»: Oliveira, Alcino, Brito, Dias, Adelinho, Jesuino e Bernardino.

O desafio, praticamente, pode dividir-se em duas partes: a primeira de domínio de «Os Bonjoanenses», em que avançaram nitidamente no marcador; a segunda mais equilibrada e até com certos períodos de ascendente do Lusitano, que conseguiu assim diminuir a desvantagem.

O Lusitano fez um primeiro tempo muito apático, jogando mesmo mal, e desta maneira os rapazes de Faro não tiveram grande dificuldade em alcançar uma vantagem tranquilizadora,

que lhes garantiu a vitória no final da partida.

Na verdade, a vitória coube à melhor equipa e àquela que tem os jogadores mais feitos a estes acontecimentos; no entanto, note-se que os lusitanistas não saíram deslustrados do confronto dando sempre réplica valorosa, principalmente no segundo tempo.

Em «Os Bonjoanenses» os melhores foram: Adelinho e Brito, bons marcadores; no Lusitano, todos cumpriram a sua missão.

A arbitragem esteve à altura.

O Campeonato prossegue hoje com os desafios respeitantes à segunda jornada.

O Lusitano desloca-se a Olhão para defrontar o S. C. Olhanense, em partida que deve decorrer equilibrada desde o princípio ao fim.

S. Salas

FUTEBOL

OLHANENSE, 0 — FARENSE, 2

Justo triunfo dos visitantes, reconhecido pelo público local

O «derby» algarvio fez deslocar — como se esperava — uma enorme assistência a Olhão. De todos os cantos do Algarve, especialmente de Faro, se deslocaram à vila cubista grandes falanges de apoio à equipa Farense, vindas nos mais variados meios de transporte. O Estádio Padinha encontrava-se, por isso, quase repleto...

Antes de mais, aprez-nos registar a correcção que imperou durante os noventa minutos de jogo, em que farense e olhanenses jogaram com lealdade — própria entre comprovincianos.

O Sporting Clube Farense alcançou, no passado domingo, em Olhão, um belo triunfo. Não tanto pelos dois golos marcados nem tão pouco pelos dois pontos conquistados aos rubro-negros — pormenor, aliás, de realçar, sabido o mérito que exorna a turma local... — mas, principalmente, pela maneira certa, consciente, brilhante, mesmo, com que superou o seu correcto e brioso adversário. Neste particular, o resultado, que se nos afigura exacto como expoente da valia dos dois adversários, é a expressão do que afirmamos.

O jogo proporcionou momentos bastante agradáveis e de futebol emocionante. Ficámos agradavelmente surpreendidos com a exibição da equipa visitante, que mostra em relação aos visitados uma grande diferença, pelo menos no actual momento, e demonstra que existe ali um dedo de mestre, pois eliminou com a maior das facilidades um adversário que se previa oferecer-lhe grande resistência, o que, aliás, não aconteceu, caso para admirar.

No que diz respeito ao Farense, deve salientar-se o bom trabalho de toda a defesa e dos avançados Campos e Brito, dois homens que são os impulsadores do ataque.

Sobre o Olhanense, comecemos por escrever: «se não há coragem quando se joga em casa...». Talvez estejamos errados nesta afirmação, porquanto estamos certos de que os jovens olhanenses, quase todos filhos de Olhão, por nascimento, deram o seu maior esforço por uma vitória, mas talvez lhes falte a condição física, base essencial, o que nos faz afirmar não terem jogado com coragem...

Além disso, os olhanenses teriam em caso de vitória um prémio especial, que somava uma bela quantia, esforço dos seus simpatizantes, pelo que, se não jogaram com coragem, foi talvez motivado a não se encontrarem no seu melhor momento.

Não negamos que no onze olhanense impere a habilidade, e mentiríamos se afirmássemos o contrário, mas negamos possuírem um padrão de jogo, em dispositivo tático, qualquer coisa, como mostrou o Farense, embora individualmente os seus jogadores não possuam habilidade em relação aos olhanenses, acrescentemos...

Além disso, o Olhanense não contrariou o dispositivo tático adoptado pelos farense, onde F. Matos estava a jogar a médio recuado, continuando o Olhanense sempre a

jogar da mesma forma — o que se tornou sempre difícil, dada a inteligente colocação da defesa contrária, perigando a defesa farense apenas com rasgos individuais, o que é pouco, numa equipa onde jogam onze.

E enquanto o Farense criava, com a maior das facilidades, perigo, o Olhanense dificilmente chegava às redes defendidas por Isaurindo. Porquê? Apenas porque no Farense existe a palavra CONJUNTO.

Ao Olhanense, que conta com um belo lote de jogadores, falta-lhe, em relação à época finda, a velocidade, a antecipação e um homem que os oriente devidamente. Sobre isto não restam dúvidas.

Os olhanenses poder-se-ão lamentar da sua pouca sorte, ao terem sofrido o 1.º golo por um lapso de Abade, ou melhor por um pontapé enganoso, traícoeiro e sem ser esperado, mas nem isso serve de argumento para que pudessem ter desmoralizado, porquanto esse golo foi obtido pelos farense havia 15 minutos de jogo, e o encontro dura 90 minutos.

Realmente, o conjunto de Olhão, colocado na tabela da classificação numa boa posição, mostrou-se frente ao Farense, com o qual tem uma tradição a manter, uma equipa triste, passiva e poucas criações de perigo tiveram, visto que os Simões I e II, que são essencialmente jogadores de receber a bola em boas condições e finalizar, ficaram sujeitos à chocante inferiorização dos restantes elementos. No entanto, estes dois homens, por sinal com os mesmos nomes, e ainda Ezequiel, foram os que sempre jogaram com a mesma regularidade.

A arbitragem do sr. Jaime Pires pode-se considerar excelente. Pequenos deslizes não contam...

Heroullano Valente

JOSÉ CÂNDIDO MONTEIRO

Solicitador provisionário

Permanece nesta vila, no Tribunal Judicial ou na rua de Aveiro n.º 1-Telefone n.º 76, todos os dias úteis das 10,30 às 17 horas, excepto aos sábados, que só permanece até às 13 horas, retirando-se depois desta hora, para a sua residência na vila de Castro Marim.

Vila Real de Santo António, 4 de Novembro de 1956.

O Solicitador,
José Cândido Monteiro

CASAS

Vendem-se duas moradias de casas, na Rua Pinheiro Chagas.
Informa-se na Fábrica Ramirez & C.ª, Lda., Rua dr. Miguel Bombarda-Vila Real de Santo António.

O CORTEJO DE OFERENDAS A FAVOR DO

HOSPITAL DA NOSSA TERRA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

do a obra assistencial da Misericórdia — a despeito dos seus minguados proventos.

Torna-se, pois, uma imperiosa necessidade e indispensável dever procurar facultar-lhe os recursos indispensáveis para que a sua benemérita acção possa exercer-se sem limitações — e, também, se possível, torná-la ainda mais eficaz e mais ampla.

E' este superior objectivo que o Cortejo de Oferendas, que ainda este mês percorrerá as ruas da nossa terra, pretende servir, com a ajuda das populações das freguesias de Vila Real de Santo António e de Vila Nova de Cacela.

Entre os numerosos donativos recebidos, em dinheiro e géneros — e de que, oportunamente, este jornal publicará uma lista completa —, avultam duas generosas dádivas que merecem, para já, uma referência especial: a do ilustre ministro do Interior, sr. dr. Trigo de Negreiros, e a do sr. governador civil de Faro.

Também, de muitos vilarrealenses residentes noutros pontos do País, têm sido recebidos alguns donativos em dinheiro, numa sensibilizadora manifestação de interesse pelas coisas da nossa terra. E muitos outros, estamos certos, hão-de imitar este gesto de solidariedade.

Distamento de Voluntários

Pela 3.ª Repartição do Ministério do Exército, foi publicado um edital em que se torna público que todos os mancebos que tenham 18 anos completos em 1 de Março de 1957 e saibam ler, escrever e contar correctamente, podem ser alistados no exército, como voluntários, no próximo ano, nos termos da legislação aplicável.

Os requerimentos dos interessados, dirigidos ao sr. Ministro do Exército, devem ser entregues na unidade ou Escola Prática em que desejem prestar serviço, até ao dia 10 de Dezembro próximo, acompanhados da documentação que no mesmo edital se consigna. Nele se fazem também diversos avisos aos interessados.

26.º ANIVERSÁRIO DO GRUPO "OS CARLOS"

Hoje, dia 4 de Novembro, que a Igreja Católica consagra a S. Carlos, o primeiro grupo onomástico do País — «Os Carlos», completa 26 anos de existência.

Como nos anos anteriores, o aniversário deste Grupo, de que é presidente o sr. almirante Carlos Viegas Gago Coutinho, é comemorado com vários actos: exposição, no dia 1, de enxovais, que serão oferecidos às crianças que, nascidas no dia 4 de Novembro, sejam baptizadas com o nome de Carlos; missa na Igreja da Madalena, no altar de S. Carlos, por alma dos sócios falecidos; distribuição de donativos aos protegidos da Imprensa e às famílias de Carlos necessitados; visita aos Carlos doentes, internados nos hospitais civis de Lisboa, e distribuição de tabaco aos Carlos que se encontram presos nas cadeias civis; e, almoço, no domingo, 4, de confraternização de sócios e suas famílias, no salão nobre da sua sede, para o qual já se fizeram numerosas inscrições.

No domingo, 11 de Novembro, proceder-se-á, finalmente, à distribuição dos enxovais aos pequenos Carlos.

O Grupo, que está procedendo à Campanha dos 20.000 sócios, para, com este número, poder alargar mais ainda a sua esfera de acção benéfica, tem-se ocupado da colocação, em boas firmas, de sócios desempregados; possui, devidamente instalado, um posto médico na sua sede, com consulta e remédios gratuitos; possui biblioteca, e em duas das suas salas funcionam aulas, também gratuitas, de inglês e dactilografia, de que se aproveitam numerosos sócios.

Felicitando o Grupo «Os Carlos» pelo seu 26.º aniversário e pela sua modelar organização, agradecemos o envio, com destino aos pobres do nosso jornal, de algumas senhas.

Entretanto, a Indústria, o Comércio e a Lavoura do nosso concelho começam a preparar os carros que figurarão no Cortejo, alguns deles ornamentados debaixo da orientação do distinto artista, nosso conterrâneo, sr. José Casimiro de Lima.

Por necessidade da Organização, a comissão inicial foi ampliada, ficando com a constituição seguinte:

Dr. António Manuel Capa Horta Correia, Alfredo de Campos Faisca, João Barroso Gomes Sanches, dr. Reinaldo Raul Prazeres, António Guerreiro Ritta, dr. José Gomes Cumbreira, Pedro Martins Socorro, José Casimiro de Lima, Manuel Cipriano, dr. José Diogo, José Bento, César Almeida Machado, Manuel Cardoso, Rogério Coelho e o director deste jornal.

Para tratar de todos os assuntos relacionados com a participação da freguesia de Vila Nova de Cacela no Cortejo, organizou-se uma comissão, naquela vila, que ficou assim constituída:

Dr. José Colaço Fernandes, Alexandrino Guerreiro Cavaco, José da Silva Trindade, Manuel Correia Júnior, Jacinto Pereira Guerreiro, Manuel Gonçalves Júnior, Virgílio Fernandes Viegas, Manuel Cristo, António Vicente Rosa, Manuel Pereira Nunes, José Bernardo Trindade, Florentino Lourenço, Manuel dos Reis Gimenes, José Marcelino Madeira, António Vicente Páscoa, Manuel António Feliciano e Manuel Guerreiro.

Todos os vilarrealenses que queiram participar nesta cruzada de beneficência a favor do nosso Hospital podem endereçar os seus donativos ao sr. Provedor da Misericórdia ou ao sr. dr. António Manuel Capa Horta Correia, com a designação exterior de «Cortejo de Oferendas»

ÓCULOS BRABUARDOS

Encarrega-se de toda e qualquer receita médica a
PAPELARIA CENTRAL
Praça Marquês de Pombal
Vila Real de Santo António

Assinala e propaga «Notícias do Algarve»

Anúncio

José Cândido Monteiro, administrador da massa falida de António de Sousa Bonito, cujos autos correm seus termos neste Juízo, pela Secção de Processos, faz público que no dia 22 do corrente mês de Novembro, terá lugar pelas 12 horas, no Tribunal Judicial desta Comarca, a assembleia dos credores da dita falência, para cujo fim ficam desde já convocados, e na qual deliberarão sobre a aprovação das contas, as quais podem ser examinadas por qualquer interessado na Rua de Aveiro, n.º 1, desta vila, todos os dias úteis, das 14 às 16 horas, desde o dia 12 do corrente mês de Novembro, tudo de harmonia com os artigos 1219 e 1220 do Código de Processo Civil.

Vila Real de Santo António, 3 de Novembro de 1956.

O administrador da massa falida

José Cândido Monteiro

EXCELSIOR
As melhores tintas para navios de pesca e comércio

TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL
Depositarário nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES
Avenida da República
— Telefone 12 —

PORTO RAINHA SANTA
ATÉ OS ANJOS BEBEM!...

RODRIGUES PINHO & C.ª
Vila Nova de Gaia

Clínica de Santo António
(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)
sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre
Rua Guilherme Gomes Fernandes
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

seus bonitos lábios. Certamente, a minha amiga já se não recorda de Leonia?

Fui eu que lhe apresentei, naquele verão de barafunda, de festas e merendolas, e havia tanta gente, pessoas de real importância, que a minha amiga não prestou a mínima atenção à insignificante rapariguita. Eu, numa ocasião, ouvi da sua boca orgulhosa essa grande enormidade que se me afigurou uma heresia em tão lindos lábios como são, negavelmente, os da minha amiga. Que V. tinha tantas relações que lhe seria impossível fixá-las a todas!

Eu sorri-me dessa importância que as pessoas se atribuem a elas próprias. Mas, que diabo, V. afinal tinha razão. É rica, possui beleza, a sua família goza de incomensurável prestígio, os seus manos estão altamente colocados, e a uma mulher, quando à beleza alia a qualidade de rica, todos os desvarios e impertinências se lhe perdoam. Não me admiro, pois, se já se não recorda de Leonia.

Há pessoas que passam na vida ao nosso lado sem nós nos apercebemos da sua existência. A mulher recorda-se de todas as jóias que adornaram os seus belos vestidos e facilmente esquece todas as amabilidades e delicadezas que colhem dos outros. Leonia, naquele momento, sentiu-se deslumbrada e atraída pela sua beleza e afigurou-se-me uma espécie de cadelinha enrodilhada nas suas saias. Vejo ainda os olhos de fogo da rapariga suspensos no ídolo que a deslumbrava, uns olhos profundos, dum azul escuro que os tornava quase negros. V., realmente, como todos os ídolos, nem sequer via a frágil e dedicada rapariga, a minha amiga, à semelhança de todos os ídolos, tornava-se inacessível, cruel.

Um dia, ao anoitecer, quando todos nós, felizes e ociosos, nos divertíamos a travar discussões tão inúteis como a nossa vida, quando a minha amiga, mais uma vez, nos cativava com as suas «boutades», a pequena e inteligente Leonia teve a audácia, ou a imprudência, de proferir qualquer palavra que contrariava as suas opiniões. Pela primeira vez, penso, a minha feliz amiga reparou em Leonia, e assistiu-se com a beleza da rapariga, uma beleza discreta, quase envergonhada, escondida na permanente melancolia que lhe ensombrou o rosto.

Nós, animais privilegiados pertencendo à elevada casta dos que se sabem conduzir diplomáticamente, seguros e risonhos, nas emboscadas da sociedade, raramente somos indulgentes com aqueles que não tiveram a fortuna de sofrer a mesma educação. Leonia era uma dessas naturezas selvagens e, principalmente, era muito pobre, defeito imperdoável e nefasto num meio onde tudo se mede e avalia em relação ao dinheiro e valores materiais que se possuem. As opiniões dum pobre, por mais valor que encerrarem, ariscam-se sempre a passar por bagatelas no comércio do pensamento. A sociedade adopta no campo das ideias o sistema que se usa nas sociedades capitalistas por acções — benefícios e votos estão em função do capital de cada accionista.

Perdõe, amiga, estas considerações um pouco atrevidas numa pessoa que não nasceu com a bossa de sociólogo.

E, afinal, não era bem isso o que eu lhe desejei transmitir, embora toda esta conversa me tenha sido sugerida pela fotografia deste desprezado e esquecido álbum. É a minha amiga aqui está, soberba, resplandecente de saúde e beleza, ao lado da pequena Leonia, muito frágil, com ar amedrontado, os lábios ligeiramente abertos segurando uma humilde flor.

Evito falar-lhe no destino de Leonia. V. comentaria, como de dedução lógica e implacável de todos os seus raciocínios, que foi o romantismo que matou a pobre Leonia. Nós, minha amiga, somos inexoráveis nos nossos juízos. Desprendida, sonhadora, generosa, Leonia não conhecia que os belos e ingéniosos sentimentos se confundem com a grosseria dos interesses. Eu sei que a minha inteligente amiga explicaria muito facilmente todo o erro da infeliz Leonia. Eu conheço a sua sagacidade, mas permita-me, apenas uma única vez, que não ouça as suas explicações, já que para mim ou para Leonia essas explicações nada significariam. O maior defeito de Leonia era o ser pobre, e quando se é pobre e se não sabe ou se não pode usar os braços, a vida torna-se impossível. O erro de Leonia não se deve imputar à sua confiança e generosidade, mas sim à sua falta de preparação para o combate da vida, ignorância ou ingenuidade de entrar no mundo completamente desarmada.

Eis, minha querida amiga, como os sentimentos puros conduzem a situações impuras. Esta a moral da história, que V. e eu, e todos nós, seres de esmerada educação, animais risonhos e calculistas, podemos extrair das lições dos «faits-divers» da vida.

O seu admirador, que mais uma vez se rende à sua beleza e à sua inteligência. Rodrigues Pena

Noticias do Algarve

SEMÁRIO REGIONALISTA

A VIDA DA INDONÉSIA VISTA POR UM JORNALISTA PORTUGUÊS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

do óbvio dizer que foram aproveitadas todas as oportunidades, nessa ocasião, para promover um melhor entendimento entre a Indonésia e o Ocidente. O presidente Sukarno fez ver bem que sendo um país novo, com falta de capital e de capacidade técnica, a Indonésia consideraria benévola toda e qualquer assistência, venha donde vier. De resto, este seria o momento propício para o auxílio estrangeiro, pois o país tem hoje um forte governo de coligação.

Todo o povo indonésio está consciente de que estas visitas só podem trazer grandes vantagens para as futuras relações da Indonésia com os Estados Unidos, não só por não haver diferença fundamental alguma entre os dois países na maneira de ver a questão que é considerada de primeira importância para a Indonésia, isto é, a questão do colonialismo, como também por os Estados Unidos terem sempre patenteado a sua simpática compreensão dos esforços e aspirações do povo indonésio, tanto directa como indirectamente.

São palavras bem expressivas, estas, do próprio presidente Sukarno: «O nacionalismo pode ser uma doutrina fora de moda para muitos, neste Mundo; para nós, na Ásia e na África, é a principal fonte dos nossos esforços. Compreenda-se isso, e ter-se-á a explicação de muitos acontecimentos da História no pós-guerra. Não se compreendendo, não haverá soma de pensamentos, torrente de palavras ou Niágara de dólares capazes seja do que for senão desilusão...»

Noutro discurso, o presidente da Indonésia afirmou: «Nós aceitaremos, com o maior apreço, qualquer assistência que nos seja prestada, indiferentemente do sector de onde possa vir, porquanto tal assistência tornará mais leve o nosso fardo e encurtará o nosso esforço». E com estas e outras palavras pronunciadas durante as suas visitas, o presidente Sukarno expressou bem que o auxílio militar está fora da questão para a Indonésia, visto que venha de onde vier, apenas pode levar à criação de uma situação incerta na parte do Mundo onde seja aceite. Diz ele: «Rejeitamos a ideia de trocar a independência intelectual e espiritual ou a liberdade física por uma vantagem momentânea».

Uma outra visita de especial atenção foi a que o presidente Sukarno, chefe de uma nação quase inteiramente muçulmana em fé religiosa, fez a Sua Santidade, o Papa Pio XII, na Cidade do Vaticano, o qual, entre outras coisas, disse: «Nós notámos, com grande prazer, quando prontamente, há 6 anos, a República da Indonésia tomou as medidas necessárias para estabelecer relações diplomáticas com a Santa Sé; e Nós consideramos, também, como uma manifestação da sua paciência e prontidão, assistir a Igreja nos seus esforços para um fim desejado por ambas as partes».

Profundamente comovido, o presidente Sukarno exprimiu a sua gratidão pela manifestação e assegurou a Sua Santidade que os católicos da Indonésia, embora uma minoria pelo número, não são considerados como uma minoria, pois têm os mesmos direitos que todos os outros cidadãos. E recordou que um dos princípios básicos do Pantja-Sila — a doutrina fundamental do Estado indonésio — é a crença em Deus.

Em conclusão: tal como Portugal se libertou, graças a Salazar, dos perigos mortais em que se encontrava, também a Indonésia pode confiar no futuro da sua República, graças ao seu presidente Sukarno.

Rolfin de Macedo

MATERNIDADE DO HOSPITAL

Informa-nos a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia desta vila que já se encontra novamente aberta às parturientes a Maternidade do Hospital Marquês de Pombal, que contratou uma profissional diplomada na especialidade.

demos extrair das lições dos «faits-divers» da vida.

O seu admirador, que mais uma vez se rende à sua beleza e à sua inteligência.

Rodrigues Pena

O PRIMEIRO CENTENÁRIO DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

ESTÃO a decorrer, com grande luzimento e interesse, em todo o País, as comemorações centenárias da inauguração da primeira linha ferroviária em Portugal, cujo primeiro comboio, que partiu de Lisboa (Santa Apolónia) para o Carregado, no dia 28 de Outubro de 1856, integrou a vida nacional na nova era de progresso mecânico, no campo dos transportes, que há pouco se tinha aberto ao mundo.

Reinava então o esperança e malgrado monarca brigantino, D. Pedro V, e estava-se no tempo em que uma viagem, feita em diligência ou em mala-posta, da capital do Reino ao Algarve, levava oito dias de verdadeira odisseia, pelas estradas tortuosas e caminhos invios e poeirentos, que alfim se abandonavam, no termo da jornada, com o físico assás combalido e a ossatura quase a desconjuntar-se pelo feito audacioso...

De então para cá, nestes cem anos de intenso progresso de comunicações, quer pela velocidade e conforto dos veículos, quer pela extensão dos traçados e solidez das vias férreas, o passo dado em frente para que o nosso país acompanhasse o ritmo intenso dos

modernos meios de comunicação foi consideravelmente animador. Disso se ressentiu benéficamente a vida nacional, nos seus aspectos económicos e culturais. E o balanço dos benefícios obtidos está presentemente a fazer-se, nas presentes comemorações, em que por vários meios de difusão se apresenta uma visão retrospectiva, de grande interesse histórico, sobre a obra levada a cabo.

Entre outras solenidades que fazem parte do programa das festas comemorativas, é de salientar a interessante exposição que a C. P. organizou, a qual foi inaugurada, no Domingo, pelo sr. ministro das Comunicações. Como o seu nome indica, nela se apresentam documentalmente «Cem anos de Caminho de Ferro em arte e Recordação», podendo admirar-se ali, além de modelos de locomotivas em formato reduzido, esculturas, telas, desenhos, caricaturas, fotografias, medalhas, maquetas, manuscritos, bustos e retratos, que documentam a vida e a acção da C. P. nestes cem anos de actividade intensa.

Também na Estação do Rossio foi aberto um salão de exposições, onde podem apreciar-se fotografias de motivos ferroviários.

O CENTRO DE ESTUDOS POLÍTICO-SOCIAIS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

conforme afirmou o ministro da Presidência, pouco a pouco voltou a dar-se aos portugueses a consciência da sua missão no Mundo; deixamos de estar saudosamente virados para o passado, no desespero de não termos o futuro, e volve-mos outra vez a sentir-nos agentes activos na realização da História; e o presente voltou a ter sentido no encadeamento das gerações, e podemos encarar com desassombro a realização do porvir.

Assim, houve que começar por reparar e construir estradas e portos; emprender-se a campanha de abastecimento de água às povoações e do saneamento até da maior parte das cidades; a energia eléctrica faltava em quase toda a parte; havia escassez de escolas; as prisões eram antros repugnantes; os quartéis e repartições estavam instalados em edifícios arruinados; os hospitais eram poucos e maus; etc. Nestes 30 anos, os governos têm sido incansáveis para suprir tantas faltas essenciais.

Depois de reparado o indispensável, o Governo não descansou, e ao mesmo tempo que promovia do Norte ao Sul do País, um trabalho intenso de obras públicas, tem procurado orientar a política do fomento económico na agricultura, na silvicultura, na indústria, na pesca, na marinha mercante, e assim tem ido progredindo e ampliando-se o trabalho gigantesco do Governo do Estado Corporativo Português.

Dr. Coelho do Valle

Em FARO, adquira o «Noticias do Algarve», na Livraria Campinas, Rua de Santo António, 67.

Considerações a Propósito

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

não é aplicável, porque em Macau há duas populações completamente distintas — a portuguesa e a chinesa. Se dermos à palavra indígena o seu verdadeiro significado, são tão indígenas os naturais de Macau como indígenas são todos os naturais de Portugal.

Por um desconhecimento imperdoável, é grande a confusão que se faz, na Metrópole, quanto a macaenses e a chineses, que aqui se distinguem absolutamente e a contento de ambas as partes.

São os chineses muito ciosos da sua raça e da sua requintada civilização milenária, razão por que mesmo aqueles que, por nascimento, se poderiam considerar portugueses, não abdicam da sua qualidade de chineses. E o que se passa em Macau passa-se em Hong-Kong, Singapura, etc., etc. Não é, pois, o chinês assimilável, a não ser em casos muito especiais. Se há povo agarrado à sua nacionalidade, ao seu país, às suas tradições, aos seus costumes, é o povo chinês — este povo sofredor, laborioso e tenaz, que depois da implantação da república tem vivido em permanentes lutas, num verdadeiro desencontro de ideias políticas, mas lutando sempre, na esperança de melhores dias.

Existe, pois, em Macau, em grande maioria, uma população estrangeira, que nos dá exemplos de trabalho, de sacrifício, de ordem e, por vezes, de educação cívica, a qual, ainda que harmonizada com a população portuguesa e respeitadora de todas as leis e regulamentos em vigor, é indiferente a todas as nossas manifestações sociais e políticas, associando-se, por vezes, por mera cortezias, mas sem qualquer interesse, a não ser o de contribuir para o bom entendimento que sempre se tem procurado de parte a parte.

Mas em que se empregam os duzentos e cinquenta mil chineses — pouco mais ou menos — habitantes de Macau? Não falando nas famílias que vivem dos seus rendimentos, todos trabalham nos mais variados misteres — dos de maior categoria aos mais inferiores. E assim, a população chinesa é formada por médicos, engenheiros, artistas, electricistas, construtores, professores, farmacêuticos, desenhadores, dentistas, mecânicos, empreiteiros de todas as obras, armadores, pilotos, jornalistas, tipógrafos, enfermeiros, alfaiates, barbeiros, sapateiros, criados de servir, empregados nas repartições do Governo, na indústria e no comércio, motoristas, estivadores e operários de obras públicas e particulares, etc., etc. Salvo poucas excepções, toda a indústria, todo o comércio estão nas suas mãos. E para definirem bem a sua situação, têm a sua Associação Comercial, que, por assim dizer, representa a comunidade; o seu bem apetrechado hospital — Hospital Kiang-Wu — com pessoal médico e de enfermagem bem preparado; um posto médico no centro da cidade, que prima pela higiene e boa apresentação; e várias associações de beneficência, etc., etc., etc.

Para a sua instrução e educação, são tantas as escolas, desde as primárias às secundárias e mesmo superiores, que difícil se ses — que noutros tempos se encontravam espalhados pelo Extremo Oriente, onde tinham grande aceitação como empregados comerciais e hoje, em virtude da situação política, se viram obrigados a procurar meios de vida, alguns em Portugal e muitos nos Estados Unidos, Brasil, Canadá, Austrália, etc., porque, por aqui, só em Macau e Hong-Kong se podem empregar — o grande traço de união entre Portugal e a China; as profundas raízes da raça lançadas a esta terra tão distante da Mãe-Pátria; o maior argumento nacionalista a gritar, bem alto, aos quatro ventos, que aqui é Portugal.

Em cidade alguma portuguesa são facultadas à população regalias e facilidades, que concorram para a sua educação e para a sua instrução, como as que se verificam em Macau. E a não ser alguns desgraçados a quem o vício arruinou moral e fisicamente (felizmente poucos), todos os portugueses aqui vivem — mesmo até os de menor categoria — por forma a participar de tudo o que concorre para a sua preparação para a vida.

Enumerar todos os estabelecimentos de ensino, quer do gover-

no quer particulares, de entre os quais alguns subsidiados por dotações inscritas no orçamento da província, ou pela assistência e, ainda, outros que vivem, apenas, dos seus rendimentos, daria lugar a que esta carta se tornasse tão longa que só Santos Marques, com o seu espírito curioso e investigador, teria coragem para a ler. Mas, para melhor o elucidarmos, breve lhe enviaremos o último anuário da Província, editado pelo Estado, que em breve será publicado.

Nas escolas do Governo, à excepção do Liceu e da Escola dos Correios e Telégrafos, têm os alunos, que peçam, além do ensino gratuito e material escolar, duas refeições diárias.

A escola comercial, mantida pela Associação do Ensino dos Macaenses, cujas matrículas são gratuitas, fornece aos alunos todo o material escolar necessário aos seus estudos. Quanto ao Liceu, ele é, de certeza, o mais acessível de todo o Império Lusitano, pela exigua importância estipulada para as matrículas.

O Colégio de D. Bosco, destinado aos órfãos portugueses e até estrangeiros nascidos em Macau, dirigido pelos padres Salesianos, dá aos internados a instrução primária, com a vantagem de frequentarem depois o Liceu ou a Escola Comercial, consoante as suas aptidões e qualidades de trabalho.

A todos os alunos macaenses que terminem o curso do Liceu ou da Escola Comercial (já oficializada), com catorze valores, dá o Governo, aos que requerem, a título de adiantamento, por via da Caixa Escolar subsidiada pelo Governo, pela Caixa Económica Postal e pela Assistência, passagens e subsídios para continuarem os seus estudos na Metrópole.

Todos os funcionários do Governo têm direito, por lei, a assistência médica, medicamentos, hospitalização e todos os tratamentos necessários para a conservação da sua saúde. Todas as casas são iluminadas a luz eléctrica, com água encanada; e poucas são as casas onde não existe um aparelho receptor de rádio-difusão.

Quanto à vida social e desportiva, Macau, deve ser uma das cidades portuguesas com mais clubes e organizações desportivas, vivendo a cidade em permanente festejo.

E nada mais digo, porque nada mais é necessário para que Santos Marques tire as inteligentes conclusões que lhe são peculiares, em todos os assuntos a que, reflectidamente, se dedica.

Descrever a obra de Assistência em Macau, em que os chineses colaboram com o Governo, não é tarefa fácil, dada a complexidade da sua acção, em todos os sectores em que ela é reclamada. São as famílias portuguesas necessitadas por falta de amparo; são os portugueses refugiados das cidades da China, especialmente de Xangai, onde tinham a sua vida arrumada, e para aqui vieram, em grande parte nas piores condições; e ainda os chineses que aqui se abrigam, absolutamente miseráveis, fugindo ao regime comunista.

Creches, albergues, postos de saúde e associações de beneficência, são outras instituições a concorrerem para mitigar a desventura e a miséria.

A todos os desprotegidos da sorte a Assistência estende o seu manto protector, sem distinção de raças e credos políticos ou religiosos.

Macau: Cidade do Santo Nome de Deus, onde se vive em paz e sossego, continua a ser o refúgio de todos os que, em ocasiões angustiosas, aqui sempre encontram o mais acolhedor abrigo.

Macau, Outubro de 1956. J. de Carvalho e Rêgo

Lar da Criança de Portimão

A Câmara Municipal de Portimão foi superiormente autorizada a ceder gratuitamente ao Lar da Criança, da mesma cidade, uma parcela de terreno, com a área de 4.512m² na Quinta do Malheiro, destinada à construção de um projectado Centro de Assistência.

Visado pela Comissão de Censura